

## PERFORMANCE FLUXO E REFLUXO: MODA E MODOS DE EXISTÊNCIA

### *Ebb and flow performance: fashion and existence modes*

Hoffmann, Ana Cleia Christovam; Mestre; Universidade Feevale,  
[hofana@gmail.com](mailto:hofana@gmail.com)<sup>1</sup>

#### **Resumo:**

O objetivo desta pesquisa foi discutir, através dos estudos pós-estruturalistas de Deleuze e Guattari a produção de modos de vida. A performance Fluxo e refluxo, torna o corpo superfície de inscrição de modos de existência produzidos pela moda. Através do corpo nulo, contrastado pelas trocas de roupas, lida com a codificação e a descodificação da aparência pela roupa.

**Palavras-chave:** moda; performance; subjetivação; rostidade.

**Abstract:** *The objective of this research was to discuss, through the post-structuralist studies of Deleuze and Guattari the production of lifestyles. The Ebb and Flow performance, make of the body modes of existence produced in fashion. Through the null body contrasted by costume changes, handles the encoding and decoding of appearance by clothing.*

**Key-words:** *fashion; performance; subjectivation; rostidade.*

#### **Introdução**

Este artigo é parte da pesquisa já concluída junto ao Programa de pós-graduação em Educação, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Dos *insights* de uma sala de aula, na disciplina Gráficas, Plásticas, Pictóricas e Visuais<sup>2</sup>, na qual se tratou das manifestações da arte no cenário contemporâneo, através de discussões apoiadas por imagens, surge a criação de uma intervenção, resultando num laboratório sobre a produção dos modos de vida. Uma performance intitulada *Fluxo e Refluxo* colocou a pesquisadora de frente com questões que discute a produção de modos de vida e produzem no corpo modos de existência através da moda. Utiliza a arte como “um instrumento para traçar linhas de vida” (Deleuze; Guattari, 1996, p.57) e se apoia nos estudos pós-

---

<sup>1</sup> Membro do corpo docente do Curso de Moda da Universidade Feevale, ministrando as disciplinas de Produção de Moda, Produção de Evento de Moda, Projeto de Figurino, Marketing na Moda. Figurinista e performer, integra o grupo M.A.L.H.A (Movimento apaixonado pela liberação dos humores artísticos).

<sup>2</sup> Ministrada pela Prof. Dra. Paola Zordan – UFRGS/FACED.

estruturalistas, principalmente de Gilles Deleuze e Félix Guattari para tecer suas considerações.

### **Montagens e (des)montagens: Fluxo e Refluxo**

Apoiada no conceito de *rostidade* apresentado por Gilles Deleuze e Félix Guattari no *Platô 7: Ano zero – Rostidade*, se problematiza a “significância” e a “subjativação” da cultura. Ao invés de representações criam-se superfícies e espaços de inscrição, cujos fluxos se cristalizam em imagens que se despedaçam e voltam a se formar. Nesta ação “o rosto é uma superfície: traços, linhas, rugas de rosto, rosto comprido, quadrado, triangular; o rosto é um mapa” (DELEUZE, GUATTARI, 1996, p.35).

Rosto e corpo totalmente cobertos por uma malha preta, que consiste em “anular” a identidade da performer, para que ela possa assumir, através dos diferentes modos de vestir, outros modos de ser. Como “o rosto não é um involucro exterior aquele que fala, que pensa ou que sente” (DELEUZE, GUATTARI, 1996, p.34) e determina, identifica aquele que faz, o que faz, como faz, ao tê-lo coberto retira-se sua organização, suas feições, sua classificação: se está deste ou daquele modo, se é isso ou aquilo. “Uma criança, uma mulher, uma mãe de família, um homem, um pai, um chefe, professor, um policial...” (DELEUZE, GUATTARI, 1996, p.32).

Pode-se, então, despir-se de si mesmo, assumir novos “eus” representacionais a partir das trocas de roupas, sugerindo um “não corpo” sob o corpo das roupas, definidoras de estilos identificáveis, trocadas durante a performance. Fruição do corpo que experimenta limites e deixa passar fiapos de vida.

A rostificação não opera por semelhança, mas por ordem de razões. É uma operação muito mais inconsciente e maquínica que faz passar todo corpo pela superfície esburacada, e onde o rosto não tem papel de modelo ou de imagem, mas o de sobrecodificação para todas as partes decodificadas (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p.35).

O que cabe na mochila se sobrepõe em camadas e o procedimento envolve produzir o maior número de arranjos (de roupas) possíveis com aquilo que se carrega. O rosto (embora coberto) não individual, está revestido de uma

multidão que volta a se formar a partir de todas as outras imagens que estão impregnadas neste corpo, vestido de outros.

Figura 1: Mochila de códigos (acervo pessoal)



Na mochila de códigos (Figura 1), tentativas de desertar dos códigos prescritos pela roupa e possibilitar outros arranjos, buscando produzir uma afecção corporal tal como flechas que atravessam o corpo, produzindo catatonias e fulgurações. “[...] planejar roupas mais atrevidas, impuras, híbridas, que, decerto, exigirão do corpo [...] outros modos de acolhimento, menos consensuais” (MESQUITA; PRECIOSA, 2011, p.10). Lançado em meio a exterioridade, fora de si mesma, que “seria antes como a multiplicidade pura e sem medida, a malta, a irrupção do efêmero e potência da metamorfose” (DELEUZE; GUATTARI, 2012a, p. 13), pois se trata de um pensamento do fora, que destrói as imagens através de forças que fazem do pensamento uma máquina. “Com apenas exterioridade, uma guerra sem linha de combate, sem afrontamento”, cuja obra combate códigos arraigados, é a ocupação de espaços que “preservem a possibilidade do novo surgir em qualquer ponto: o movimento já não vai de um ponto a outro, mas devém perpétuo, sem alvo nem destino, sem partida nem chegada” (DELEUZE; GUATTARI, 2012a, p. 14).

Essa ocupação não se trata de uma oposição à imagem-modelo, “a glorificação dos simulacros é abolir as noções de original e derivado, de modelo

e de cópia” (MACHADO, 2009, p.49); mas, da imagem que em choque com as forças destrói o modelo, a representação, a cópia ou tudo aquilo que é elevado ao Verdadeiro, ao Justo. Ou seja, a subordinação de uma moral sedimentada num espaço estriado, espaço onde as linhas já estão traçadas previamente e os códigos de conduta são indiscutíveis, pois estabelecem o que é “certo” e “verdadeiro”.

São “Máquinas de guerra se constituem contra os aparelhos que se apropriam da máquina, e que fazem da guerra sua ocupação e seu objeto: elas exaltam conexão em face da grande conjunção dos aparelhos de captura e dominação (DELEUZE; GUATTARI, 2012a, p. 118). Abre-se para as possibilidades de se questionar tudo aquilo que já está dado e que uniformiza as maneiras de pensar, agir, se conduzir para criar outras maneiras de proceder.

Deserta-se o rosto para que o sujeito converta-se em atrator de forças sutis: ideias e sensações ainda amorfas. O rosto devém superfície inteiramente branca, que funciona como local de descarrego das fórmulas prontas, viciadas. Desinvestido, da forma eu dominante, que barra qualquer possibilidade de se tocar outras peles, com elas compor outras paisagens, outras sonoridades, experimenta uma surpreendente consistência: variar-se de vários (PRECIOSA, 2010, p. 69).

O que se expõe nessa ação transcorrida dentro do Campus da Universidade pode ser um corpo de subjetividades, não-corpo de *hecceidades*, movimentos e velocidades que o tornam impessoal. Operação que vai tomando conta do corpo: uma roupa, um vestir, para além da coisa e do sujeito, mas “individuações concretas valendo por si mesmas e comandando a metamorfose das coisas e dos sujeitos” (DELEUZE, GUATTARI, 2012b, p.20).

No trajeto, "palavras-chaves"<sup>3</sup> distribuídas e decalcadas no chão da área externa entre à Faculdade de Educação, Arquitetura e Rádio da Universidade e em diferentes espaços até o prédio multiuso que outrora foi o Instituto de Física. Um passeio na quase-primavera, iniciado no final da tarde e que se estende até o anoitecer. Ventania que atravessa a roupa e toma conta do corpo. Frio na barriga. Do torpor a exaustão, náuseas. Das horas de trocas de roupas, pulsações indescritíveis. Vestida para ser ou parecer? Nem uma coisa nem

---

<sup>3</sup> As palavras decalcadas foram "nomadismo, hedonismo, consumismo, multiculturalismo, identidade, subjetividade, singularidade, heterogeneidade, individuação, tribalização, homogeneização e territorialização" que atravessavam o experimento e a pesquisa e que contribuíram para a dissertação que se faz hoje.

outra. Evitando conciliações e oposições, do tipo formado ou hecceidades, mas perceber-se que “é uma hecceidade e não há nada além disso” (DELEUZE, GUATTARI, 2012b, p.51).

Figura 2: espaços que me fisgam (acervo pessoal)



Corpo performático, sem sujeito, dessubjetivado, singular, particular, que teatraliza à sua maneira a vida (real?) e “inventa a rostificação de todo corpo” (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 43) que passa pela roupa e artefatos da moda, compondo “*personas*, personagens, um baile de máscaras” (SALOMÃO, 2001, p.39) reais. De um real inventado, submetido a possibilidade do que se pode intervir e transformar, pois o “que é real é o próprio devir” (DELEUZE, GUATTARI, 2012a, p.19).

Ao tornar-se o que se é, a máscara aqui não tem a função de esconder, dissimular ou disfarçar, mas de assegurar “a pertença da cabeça a instituição, o realce do corpo, a rostificação da cabeça e do corpo: a máscara é então o rosto em si mesmo” (DELEUZE, GUATTARI, 1996, p.49). Multidimensionalidade do corpo que o torna original. O corpo não é a máscara, que, por sua vez é quase rosto.

Há uma vontade de ser tudo o que não se é. Vontade de alimentar-se do desconhecido e perder-se por aí. Compor mapas em pontos que se estendem; linhas num *espaço liso* que não se fixa a nada. Tece, conecta! Transforma a partir dos supostos “kits-padrão” apresentados pelas formações identitárias e pelo manuseio da forma permite que hajam “Mutações existenciais” para fazer falar um corpo inorganizado, que se constitui em linhas em devir. Deleuze e

Guattari (1996) depositam no rosto toda importância de subjetividade do sujeito, ao enfatizar que:

Do mesmo modo, a forma da subjetividade, consciência ou paixão, permaneceria absolutamente vazia se os rostos não formassem lugares de ressonância que selecionam o real mental ou sentido, tornando-o antecipadamente conforme uma realidade dominante (DELEUZE; GATTARI, 1996, p.32).

Para reforçar a “rostidade” proposta pelos autores, quando rosto é coberto, passa a ser só cabeça e perde sua significância, logo, o foco se volta para o corpo. “O rosto tem um grande porvir, com a condição de ser destruído, desfeito. A caminho do assignificante, do assubjetivo.” (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p.36).

Figura 3: o corpo rostificado (acervo pessoal)



A performance se concretiza no apelo estético da proposta que mantém tanto o rosto, quanto o corpo coberto por uma “segunda pele” negra, voltando sua atenção para a roupa, símbolo concreto do qual se apropria para ilustrar o visual. Muro branco, superfície de escrita. “Máquina abstrata” produzida no momento em que tais combinações vão sendo compostas; máquina produtora de estratos codifica para descodificar e produzir sobrecodificações.

No quarto teorema de Deleuze e Guattari (1996) sobre a *rostidade*, ambos afirmam que “a máquina abstrata não se efetua apenas nos rostos que produz, mas, em diversos graus, nas partes do corpo, nas roupas, nos objetos que ela rostifica segundo uma ordem das razões (não uma organização de

semelhança.) (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p.42). Uma rostidade é desencadeada nas campanhas publicitárias, no rosto da televisão, da estrela de cinema, da necessidade de que haja um rosto, uma educação de rostos.

A ação aqui descrita e pensada trava combate com as formações identitárias, com o “ser”. Para tal, “Coloca-se a si mesmo sob os olhos do outro” (FOUCAULT, 2012, p.156). Vê a aparência não como algo exterior ao corpo, que está fora do corpo, mas como algo que está junto ao corpo e só se manifesta por que já está ali. Produz um efeito em si mesmo e no outro. Uma estética, mas também uma ética. Uma vida diária de superações! Constrói e destrói, fazendo do vestir uma relação provisória do indivíduo com ele mesmo e com o mundo.

O si mesmo se diferencia o tempo todo, por isso não se pode atribuir ele a uma identidade, mas multiplicidades. O si mesmo abre-se para a subjetividade, para o mundo, por isso um si-outro, no qual só há diferença, que se repete continuamente. Faz-se numa vontade de potência, onde nada se conserva tudo é alteração na busca pela novidade, pelo inesperado. Desorganizado e desprovido de significado, sobram apenas virtualidades, constituídas pelo desejo e pelo corpo inacabado.

Eu nunca estive à procura de um território, mas de estados de território, espaços que me fisgam pelo estranhamento de seus volumes, formas, cores vivas, sua explícita plasticidade. Eu estou sempre lá, operando nesta coordenada incerta, irreproduzível, gratificante, trafegando neste espaço movente, silencioso, incapturável (PRECIOSA, 2010, p.43).

Estes fluxos, no entanto, passam por movimentos de segmentaridades. Grupos que se segmentam, que se entrecruzam e na pluralidade assumem seu sentido trazendo múltiplos códigos de territorialidade. Ou seja, mantem-se agrupados por afinidades, conjuntos de tipos que comungam gostos e estilos semelhantes, mas que, vaporosos, sopram para todo lado. São estratos que os compõe. Linhas que os constituem: família, escola, profissão, amigos e que se sobrepõe. “Ora os diferentes segmentos, remetem a diferentes grupos, ora é o mesmo indivíduo ou mesmo grupo que passa de um segmento a outro” (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p.84).

Os emaranhados de códigos dos tecidos sociais são como moléculas em atrito, de difícil classificação. A “diferença” neste estudo ilustra através das “imagens de pensamento” estratificadas no universo contemporâneo da moda, que tem como suporte a roupa e conseqüentemente a moda, mas, não (e sim) a

moda da engrenagem capitalista; não (e sim) a moda instituída pela indústria, que faz com que o indivíduo usuário (pense que ele) tenha autonomia sob suas escolhas. Uma moda que experimenta os modos de vida, criando alegorias e artifícios cujos “fluxos” se definem pela identidade, sendo relacionada, inclusive, ao sentimento de “pertencimento” uns aos outros, logo, subjetivados uns pelos outros e pelo contexto em que estão inseridos.

Potencializadora de vida, a moda toma a si mesma como objeto de elaboração complexa e dura. Produz diferença em si mesma para refletir sobre uma possível estética da existência, em que se pode ter a própria vida como obra de arte, ao descobrir-se habitados por multidões. “Uma individuação, particular ou coletiva, que caracteriza um acontecimento [...] um modo intensivo e não um sujeito pessoal” (DELEUZE, 1992, p. 128). Por isso, não se decalca em tipos pré-fabricados.

A performance ainda configura uma crítica a "ossificação" em decorrência da padronização dos comportamentos, cujos “kits” prontos de identidade fixam as possibilidades dos modos de vida, numa instituição normalizante e moralizante, que sufoca e libera pouco espaço a experimentação e a criação, julgando a partir de valores transcendentais as ações do que é “certo” e “errado”, da moral do “bom” e do “bem”.

Os modos de subjetivação trazem possibilidades de estar dentro do instituído e subverter a ordem para autoafirmar-se e construir um modo de vida que nos tornem mais potentes, poderosos. A moda bem pode ser um dos códigos que identifica a maneira de pensar e a que grupo pertencer, permitindo transitar por diversos estilos, diversos grupos, diversas modas, trocando experiências, formando um sistema cultural e derivado das relações de saber e poder, que permite a modificação do pensamento e a transformação daquilo que se é. Sutil está aberto às mudanças, sendo a liberdade que dá a possibilidade de exercício de poder.

A relação consigo entrará nas relações de poder, nas relações de saber. Ela se reintegrará nestes sistemas dos quais começara por derivar. O indivíduo interior acha-se codificado, recodificado num saber "moral", e acima de tudo, torna-se o que está em jogo no poder - é diagramatizado (DELEUZE, 2005, p.110).

Neste caso, corre o risco de sujeitar-se completamente a um modo de ser, a uma verdade, tornando-se submisso a uma estrutura, um grupo ou classe



social sob assinaturas ou adjetivos que permeiam o senso comum. "A dobra parece então ser desdobrada, a subjetivação do homem livre se transforma em sujeição." (DELEUZE, 2005, p.110). Pois para haver subjetivação é preciso haver mudança, metamorfose de corpos. Um "jogo" de afetar e deixar ser afetado. De tornar-se, compor-se de diferentes maneiras, burlando legendas e etiquetas de tudo aquilo que é reproduzível e classificável.

Retomando os *insights* desta performance, em que o próprio corpo representou o trânsito entre superfícies e espaços "corpo diferente, estranho, matéria para um devir que não pertence ao nome e a pessoa que o configuram" (ZORDAN, 2010, p.07), entre uma troca de roupa e outra, o caráter performático e nômade busca se distanciar de alguma forma da tendência a homogeneização cultural desenvolvendo novas formas, através do seu comportamento, sua maneira de vestir-se e dos espaços frequentados. Ao produzir polifonias, troca-se de lugares, de posições, troca-se de máscaras, troca-se de roupas. Ao refletir o que se vive, reflete seus interesses. São estes interesses que compõem a subjetividade e fazem com que se torne o que se é.

O interesse ao refletir tendências e inclinações (por exemplo, de gosto), reflete uma prática experimentada pelo corpo que produz um modo de se conduzir na sociedade. O esforço para dar forma a sua vida é o que pode ser entendido como o projeto educacional ou a *artesanía de si*, que faz com que seja reconhecido pelos outros através da sua prática. Confere um traço estilístico daquilo que se faz e como se faz; um modo de fazer, uma didática da vida. Não busca um ideal. É o que é. Mas dentro deste ser se recria o tempo todo. "A prova de um estilo é a variabilidade. E, em geral, vai se tornando cada vez mais sóbrio... Por natureza, um estilo muda, ele tem variações" (DELEUZE, 1988, p.95).

Ter estilo é um aprendizado, aprender por repetição e variação. Se as grandes lojas de departamento uniformizaram a moda através de "estilos" pré-definidos, nem tudo está perdido, pois quando se fala em moda para além da roupa, sabe-se que existe aí um traço da existência que vai singularizar o indivíduo, produzir individualizações.

"A abordagem fenomenológica do espaço e do corpo vivido mostra-nos seu caráter de inseparabilidade [...] a dobra do corpo sobre si mesmo é acompanhada por um desdobramento de espaços imaginários" (GUATTARI,

1992, p.153). O corpo sofre as ações do ambiente, se compõe com ele (o ambiente). Deixa se envolver pelas representações do mundo, pelas imagens que penetram o corpo e se modificam criando novas formas para tornar-se outra coisa. O corpo torna-se dobra do pensamento; e a roupa o cérebro por fora.

Desta forma, o corpo é subjetivado pelos espaços percorridos sendo que os lugares frequentados têm na estética de seus frequentadores acordos pré-estabelecidos. “Constante desterritorialização, criar transforma a paisagem, potencializa a vida e a novidade a cada instante. Por outro lado, produz imagens de pensamento para reterritorializar a vida num traço de plano, um projeto de vida, uma obra de arte” (ZORDAN, 2010, p.10).

O estilo como um modo de fazer, e assim, incluem-se aqui os procedimentos que resultarão em algo, pode ser também entendido como uma elegância descodificada, que inventa outras verdades. Ao fabricar imagens, não necessariamente providas de significado, opera por vontades. Entretanto, ainda assim é “preciso estar atento ao funcionamento da máquina clichê para que então se possa fabular maneiras de resistir” (PRECIOSA, 2010, p.41). Pois, embora não negue nenhuma forma de expressão consagrada, deseja apenas seguir a operar por desmontagens de identidades.

### **Considerações**

Nesta experimentação, há o encontro com multiplicidades expresso nas transformações de figurino mostrando na veste aquilo que se faz. Há produção de subjetividades e também de hecceidades. Ao modo de um poema “dadaísta”, ao invés de um saco carrega uma mochila cheia de códigos embaralhados, que vão sendo dispostos aleatoriamente sob o corpo. As linhas do rosto e corpo são mapas ocultados para propor outros mapas.

O experimento se torna uma imagem a pensar, desloca a moda, as identidades e o que tecidos e acessórios dizem de um sujeito que não passa de discurso. A ação, as palavras decalcadas e o corpo nulo contrastado pelas figuras que se formam através da roupa, buscam através das estruturas que determinam à organização social das aparências, outro movimento: de variação, de resistência, de um inacabado que está sempre em vias de fazer-se. Um modo de vida, que seja a própria vida.

Ao mostrar maneiras de vestir, cria imagens que procuram romper com a representação. Assim a roupa torna-se dispositivo de sensações. Cada um pode fazê-lo à sua maneira, e ainda assim, ao vestir suas roupas, será o corpo quem dará sentido àquela criação (sem sentido). Procedimentos são fabricados, não para criar um modo de regulamentar um método, mas para vê-los proliferar.

A máscara na ação, permite surgir uma personagem que parece viver muitas vidas numa só, através de um movimento altamente sedutor que permite a metamorfose do corpo, não apenas pela roupa, mas pelo modo de se constituir a partir das suas feições. A potência da roupa inclui, então, as práticas habituais, o modo como me relaciono com o mundo. Ao estabelecer a importância da roupa, seja como elemento que constitui a formação, seja como criadora de ficções ou devires, a percebemos também como um dos artifícios na produção dos modos de subjetivação.

#### Referências:

DELEUZE, Gilles. **O abecedário Gilles Deleuze**. 1988. Disponível em: <<http://stoa.usp.br/prodsubjeduc/files/262/1015/Abecedario+G.+Deleuze.pdf>>. Acesso em: 02 fev. 2015.

\_\_\_\_\_. III Michel Foucault. In: **Conversações**. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1992. p.109-154.

\_\_\_\_\_. **Foucault**. Tradução Claudia Sant'Anna Martins. São Paulo: Brasiliense, 2005.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é filosofia**. Tradução Bento Prado Jr. E Alberto Alonso Munõz. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

\_\_\_\_\_. GUATTARI. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 3. Tradução de Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, 1996.

\_\_\_\_\_. 1440-O liso e o estriado. In: **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**. Vol. 5. Tradução Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo: Editora 34, 2012a.

\_\_\_\_\_. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**. Vol. 4. São Paulo: Editora 34, 2012b.

FOUCAULT, Michel. (1984) Uma estética da existência. In: MOTTA, Manoel Barros da (org.). **Ditos e escritos V: Ética, Sexualidade, Política**. 3. ed. Org. Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

GUATTARI, Felix. **Caosmose: um novo paradigma estético**. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. 1992. 1. Ed. São Paulo: Editora 34, 1992.

MACHADO, Roberto. **Deleuze, a arte e a filosofia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

MESQUITA, Cristiane; PRECIOSA, Rosane. Aberturas. In: **Moda em Ziguezague: interfaces e expansões**. Org. Cristiane Mesquita e Rosane Preciosa. São Paulo: Estação das Letras e Cores,

2011.

PRECIOSA, Rosane. **Rumores discretos da subjetividade**. Porto Alegre: UFRGS, 2010.

SALOMÃO, Waly. **O mel do melhor**. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

ZORDAN, Paola. Criação na perspectiva da diferença. **Revista Laboratório de Artes Visuais** – UFSM, ano 3, n. 05, setembro de 2010. Santa Maria: UFSM, 2010. Disponível em: <<http://cascavel.ufsm.br/revistas/ojs-2.2.2/index.php/revislav/article/view/2135>>. Acesso em: 15 jan. 2014.